CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO

EM: 11/11/2021

Fátima Regia
FUNCIONÁRIO

DATA 07/10/83

PROJETO DE LEI Nº 0121/83

ASSUNTO
Concede o título de Cidadão de Fortaleza ao Sr.
Senador Teotônio Brandão Vilela

VEREADOR:

LEI Nº 5750 DE 07/11/83

DIOM Nº 7755 DE 26/10/83

ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 5730 DE 07 DE Novembro DE 1983

Concede o título de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica concedido o título honorífico de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA.

Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 07 DE Novembro DE 1983.

ENgº Cesar Cals de Oliveira Neto
Prefeito - Municipal

Maria José Albuquerque Oliveira.
Vereadora Maria José de Albuquerque Oliveira
SECRETÁRIA DE ADMINISTRAÇÃO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

PROJETO DE LEI Nº 121/83

Concede o título de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica concedido o título honorífico de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA.

Art. 2º - A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, em 07 de outubro de 1983.

Vereador - Francisco Lopes

JUSTIFICATIVA ANEXA:



Em Maceió, a mesma homenagem de São Paulo e o mesmo gesto para simbolizar a anistia

FOTOS ARLINDO TAVARES

A luta final de Teotônio

Contra o câncer e a crise, Teotônio Vilela trava o seu derradeiro combate e ganha o respeito e afeto do país, comovido com seu heroísmo

Nos idos de 1964, Luís Cavalcante, general da reserva e governador de Alagoas, teve "tremendos pegas" com seu vice, Teotônio Vilela. Toda vez que Cavalcante se ausentava do Estado, por exemplo, Teotônio ia para a cadeia de Maceió e mandava o carrancudo secretário da Segurança soltar quem estivesse preso sem culpa formada, especialmente os suspeitos de subversão contra os quais não houvesse processo formalizado. Ainda hoje, senador pelo PDS, o ex-governador lembra o trabalho que lhe deu defender junto aos seus camaradas no poder o mandato do desassombrado Teotônio, ameaçado de cassação, embora, como ele, tivesse apoiado com ardor a derrubada do governo Goulart.

Na semana passada, Cavalcante voltaria a interceder por seu antigo companheiro de UDN e Arena, engajado desde 1979 na linha de frente da oposição. Agora, porém, algo incomparavelmente mais importante do que um cargo público está em perigo – a saúde de Teotônio, devastada por um câncer incontrolável. Por isso, diante de mil pessoas que cobriam de emoção o velho pátio do Museu Theo Brandão, no centro de Maceió, na noite da última quinta-feira, 3, Cavalcante se pôs de joelhos e rogou a Deus que lhe salvasse a vida. Nessa noite, conterrâneos dos mais variados credos políticos entregaram a Teotônio o Prêmio Guerreiro Alagoano, por seu teimoso combate em defesa da paz e da justiça.





ARQUIVO
DE FORTALEZA

Enfim, em casa: doce de goiaba com queijo e o comovido encontro com o irmão dom Avelar

Repetiram-se então os transbordamentos da quarta-feira da semana anterior, quando Teotônio recebeu em São Paulo um prêmio que leva seu próprio nome, pela formidável determinação com que se tem dedicado à causa dos direitos humanos no país. E, como em São Paulo, também em Maceió ele libertou uma pomba para simbolizar tudo aquilo que fez pela anistia aos vencidos do regime. No dia seguinte à festa paulista, Teotônio confidenciou a um amigo que se sentia "como se tivesse levado uma surra" – seu corpo torturado pela doença sofreu com as centenas de abraços que exprimiam o afeto, o respeito e a gratidão de pessoas tão diferentes como o governador Franco Montoro, o deputado federal pelo PT José Genoíno Neto, ex-guerrilheiro do Araguaia, e o anônimo cidadão do interior que viajou dezenove horas de ônibus e caminhão para levar-lhe sua solidariedade.

É uma avalancha. No domingo, 30, a atriz Fernanda Montenegro o chamou de "guru" no *Canal Livre*. Na segunda-feira, já no Rio, onde se hospeda há mais de trinta anos no quarto 1.106 do Hotel OK, junto à Cinelândia, Teotônio não conseguiu conversar com seus amigos Marcelo Cerqueira, ex-deputado federal, e o filólogo Antônio Houaiss, durante o almoço na Churrascaria Chamego do Papai, na fronteira da Praça XV. Levas de fregueses queriam cumprimentá-lo, elogiá-lo, saber de sua saúde ou, simplesmente, tocá-lo. Ele se tornou um herói – e não só para o Brasil das oposições de todos os matizes. "Eu votaria nele a qualquer momento, para qualquer cargo, por qualquer partido." A declaração é da apresentadora de TV Hebe Camargo. Ela sequer sabe a que legenda Teotônio está filiado.

Na terça-feira, enquanto em Brasília tomava posse o Congresso eleito a 15 de novembro, Teotônio Vilela voltava para Alagoas despojado do mandato de senador que exerceu desde 1966 e do qual sem dúvida continuaria dono, não fosse a doença que o obrigou a abandonar a candidatura à reeleição. E, na manhã seguinte, enquanto os novos deputados e senadores repousavam dos festejos da véspera, Teotônio submetia-se disciplinadamente às exigências de seu "vampiro particular" – como ele chama, num deliberado esforço de bom humor, o enfermeiro encarregado de coletar periodicamente 15 cc de seu sangue para uma batelada de exames de laboratório.

De pijama, robe, sandálias e a indispensável bengala, ele caminha com evidente dificuldade até sua poltrona preferida, no amplo escritório da casa sem maiores luxos, onde vive há 23 anos, fincada sobre um hectare de terreno, numa rua sem calçamento do bairro do Farol, a poucos minutos do centro de Maceió. Ali ele se entrega à única atividade que o câncer ainda lhe permite exercer por longos períodos – conversar. Ler ou escrever o exaurem rapidamente, o que se explica também pela baixa pressão arterial (8 por 5). E, por causa da quimioterapia, perdeu bastante do já pouco apetite que sempre teve – e 6 quilos, em 73. Ainda aprecia, porém, farofa de bolão com frango, goiaba com queijo do sertão e muito suco de lima.

Nesse fim de tarde de quarta-feira, ele espera com ansiedade o abraço do irmão cinco anos mais velho, dom Avelar Brandão Vilela, 70 anos, cardeal primaz do Brasil. Dom Avelar veio de

CÂMARA MUNICIPAL
ARQUIVO
DE FORTALEZA



Boêmia: com Zé Cavaquinho e Valdomiro do Trombone



Política: início udenista



Família: pai, mãe, quatro irmãos, cinco irmãs

Salvador passar uma temporada com Teotônio, no sítio da família, a 20 quilômetros de Maceió. Padre e político têm muito a conversar, o que aliás sempre fizeram – mesmo quando as convicções de cada um os jogaram em campos opostos. Em 1976, por exemplo, três dias seguidos de discussões não demoveram Teotônio da decisão de votar a favor da instituição do divórcio no Brasil. Por nada nesse mundo, contudo, os irmãos deixarão de se amar.

Antes de viajar para os Estados Unidos, no ano passado, para submeter-se a exames, após extrair em São Paulo um tumor no cérebro, Teotônio só tinha ido uma única vez ao exterior – em 1973, quando dom Avelar foi sagrado cardeal. Em Roma, aliás, o senador conversou pela primeira vez com um religioso ao lado do qual marcharia anos depois na cruzada dos direitos humanos – dom Paulo Evaristo Arns. "Logo nos sentamos e começamos a falar do Brasil", recorda dom Paulo. O Brasil, sempre o Brasil. Este é o mundo que conta para Teotônio. E, dentro dele, conta especialmente o campo, onde acredita que ainda sobrevivam, intactos, os valores fundamentais da nacionalidade, a começar pela identificação com o país – ou, para adotar a palavra de todas preferida pelo senador, com "a pátria".

"Ninguém ama mais esta pátria do que o povo do interior", ensina Teotônio, com a voz firme e o indicador da mão direita em riste – como nos tempos em que, ainda senador da Arena, pregava o fim do AI-5 para um plenário deserto de arenistas, atemorizados por tanta ousadia, ou para platéias apinhadas de estudantes, surpresos e encantados com tamanha heresia. Jamais Teotônio deixou de falar por este povo do interior, mesmo quando sua retórica de noviço político, deputado estadual na metade dos anos 50, se nutria udenisticamente dos clássicos do liberalismo europeu do século XIX. Mesmo quando empreendeu, sob sol e chuva, sua mais notável peregrinação – a ida a todos os cárceres do país onde houvesse presos políticos naquele exuberante 1979 da campanha pela anistia. Mesmo, também, quando voou de Brasília, em abril de 1980, a chamado do senador Severo Gomes, como ele um exilado da Arena, para se interpor entre as tropas da PM comandadas pelo então coronel Arnaldo Braga e os grevistas do ABC capitaneados por Lula.

Pois, tendo ele próprio brotado do interior, Teotônio se fez gente certo de que, acima e além de quaisquer conflitos de classe, os brasileiros se encontram nas aspirações irredutíveis por liberdade e justiça. Na Zona da Mata, onde nasceu, um entre dez filhos (cinco homens e cinco mulheres) de um modesto dono de engenho de Viçosa, a 85 quilômetros de Maceió, as diferenças sociais eram, de fato, insignificantes. Elias, o pai, talvez se distinguisse dos demais lavradores do lugarejo apenas pela deliberação de educar os filhos para livrá-los da servidão da terra.

Bem que Teotônio tentou. Depois de uma turbulenta passagem por um colégio jesuíta do Recife, onde ficou conhecido pelas boas notas e um pecaminoso apreço pelas idéias de Jean-Jacques Rousseau, o jovem aportou no Rio de Janeiro. Ali, não conseguiria tornar-se nem aviador, nem engenheiro, nem advogado, como supunha que gostaria de ser – mas, com um companheiro de pensão chamado Mário Andreazza, des-

CÂMARA MUNICIPAL
ARQUIVO
FORTALEZA

cobriu os encantos noturnos dos cabarés da Lapa. O gosto pela boêmia o acompanharia por mais de trinta anos. De novo no Nordeste, ganhou dinheiro negociando gado e, aos 28 anos, com um empréstimo do IAA, montou com a família uma usina de açúcar.

Empresário competente, montou a Seresta, uma das dez melhores usinas do Estado. Em 8 mil hectares e com o trabalho de 10 mil famílias, deverá produzir na atual safra 2 milhões de sacas de açúcar. A Seresta fica 100 quilômetros ao sul de Maceió, no município de Junqueiro, mais precisamente no distrito de Feira Nova. Há pouco tempo surgiu ali um movimento de emancipação. Feira Nova se tornaria município e mudaria de nome, passando a chamar-se, naturalmente, Senador Teotônio Vilela. Desde 1973, porém, a usina é dirigida pelo engenheiro José Aprígio, 33 anos, o primogênito dos sete filhos (três homens e quatro mulheres) que Teotônio teve em 34 anos de casamento com dona Helena Quintela Brandão Vilela.

Dona Helena, ou Lenita, suportou com infindável paciência as costumeiras ausências do marido, suas noitadas com velhos amigos de farra, como Zé Cavaquinho e Valdomiro do Trombone, que acabariam morrendo de tanto beber. Teotônio também bebia quantidades industriais de cachaça e uísque. Seu primeiro mandato em Brasília, ele o exerceu mais no bar do Hotel Nacional, onde residia, do que no plenário do Senado. Mas, em 1972, em conseqüência de uma dolorosíssima inflamação nos testículos, Teotônio tomou da noite para o dia, literalmente, a decisão de nunca mais beber. E nunca mais bebeu. Oito anos depois, largou do mesmo modo o fumo – até então, o cigarro permanentemente aceso entre os dedos era tão parte de sua figura como os ternos escuros, o bigodão debruçado sobre os cantos da boca, os óculos de hastes grossas e o incongruente chapéu.

Lenita morreu no dia 9 de janeiro quatro anos ao câncer. No velório, Teotônio prestou-lhe a maior homenagem que talvez possa conceber: convidou a família e os amigos a cantarem com ele o Hino Nacional. Faz sentido. A pátria, para Teotônio, não é um conceito impessoal, mas algo que lhe pertence. "Basta ouvi-lo dizer 'minha pátria' para perceber esse profundo sentimento de posse", observa o ex-deputado Márcio Moreira Alves, que há alguns meses convive com o senador para escrever-lhe a biografia. Márcio se diz "apaixonado" por Teotônio: "Nunca vi alguém capaz de dar-se tão completamente às suas convicções".

A essa característica rara entre políticos de qualquer parte do mundo Teotônio ajunta outra raridade. "Ele não encarna interesses, apenas o novo senador paulista Fernando Henrique Cardoso, seu amigo e parente longínquo. "Ele não é descartável", resume o humorista Henfil, que só há pouco mais de um mês o conheceu pessoalmente. Eis aí algumas das chaves para se compreender o respeito que seu desempenho provoca – mesmo entre parlamentares habituados a cultivar prioritariamente a própria sobrevivência, mesmo entre intelectuais tentados a considerar um tanto rasos os diagnósticos de Teo-

ARAQUEM ALCÂNTARA

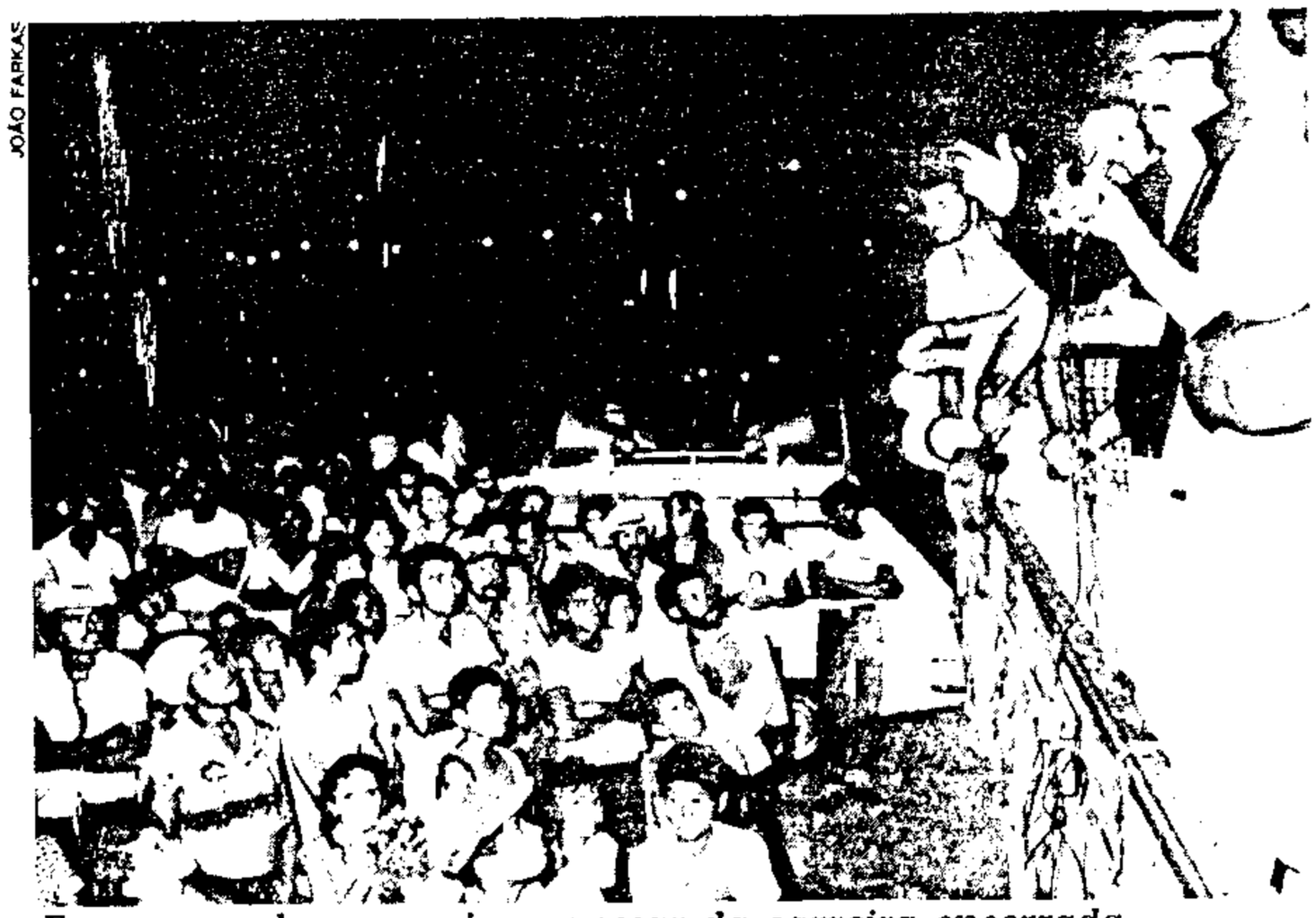


ROGÉRIO REIS/AJB



Maceió, 1964: pelos presos sem culpa

Rio de Janeiro, 1979: pela anistia, sob sol e chuva


JOÃO FARKAS

Em campanha: com vigor, apesar da carreira encerrada

tônio sobre os problemas nacionais.

Isso ainda não é tudo. Há também a invejável facilidade com que é capaz de desprender-se do dia de ontem, na política e na vida pessoal, e de nutrir-se do dia de amanhã – "como uma aranha", ele compara. "Teotônio venceu a barreira do tempo", define o deputado Ulysses Guimarães. Recentemente, ao jantar com o senador e outros altos dirigentes do partido num restaurante em Brasília, o presidente do PMDB mal conseguia acreditar no estado de ânimo de Teotônio. "De todos nós", conta Ulysses, "ele era o mais entusiasmado, o que tinha mais idéias, o que fazia planos a mais longo prazo". Esse mesmo entusiasmo o fez participar com todo o vigor de que dispunha da campanha eleitoral em Alagoas, embora já tivesse encerrado a carreira parlamentar.

E foi essa força interior o que mais comoveu o meio milhão de espectadores que o viram no *Canal Livre,* pouco mais de um mês antes das eleições, falar apaixonadamente do Brasil que nasceria das urnas de 15 de novembro – e, serenamente, da sua condição de canceroso. "Mantenho com a morte", dizia ele na semana passada a ISTOÉ, "um relacionamento sem asperezas". Teotônio já sabia, então, que um quarto tumor fora localizado no seu fígado, sinal de que a metástase prosseguia incontida. Às vezes, porém, até ele paga o terrível tributo cobrado pela doença. "Há momentos em que tenho a sensação de que vou explodir por dentro", segredou a um amigo. E às vezes também deixa escapar um comentário angustiado. "Meu pesadelo", confessa, "é saber que não terei tempo para concluir meu trabalho".

O trabalho, no caso, é a montagem e a propagação do "Projeto Emergência", com o qual ele acredita que a pátria poderá extirpar "o câncer da dívida externa" – um conjunto ainda insuficientemente amadurecido de medidas de salvação nacional capaz de prevenir a catástrofe a seu ver iminente. O ponto de partida do projeto é a moratória: o governo proclamaria ao mundo que reconhece a dívida, mas só irá pagá-la quando puder. O ponto de chegada é a liquidação "desse estúpido modelo de desenvolvimento, que nos sujeitou ao imperialismo americano e agora ameaça o que ainda resta da soberania nacional". O senador crê que "a persuasão da opinião pública e dos partidos poderá levar o presidente Figueiredo a aceitar o plano – como foi obrigado a conceder uma anistia mais abrangente do que desejava".


TV BANDEIRANTES

No "Canal Livre": com serenidade

Teotônio se diz convicto de que o projeto é viável, não traumatizará a pátria e salvará o capitalismo no Brasil – afinal, o senador continua adepto da livre iniciativa. Tudo isso, evidentemente, é muito discutível. Indiscutível é o fato de que essa mais recente pregação de Teotônio tem conseguido capturar adesões junto ao povo. Primeiro, porque as pessoas enxergam no esforço do senador uma sincera vontade de enfrentar a crise e recolocar o país de pé – algo que não identificam no discurso das autoridades econômicas. Segundo, porque encontram em Teotônio a mesma indignação que experimentam ao tomar conhecimento da última taxa mensal de inflação e do mais recente escândalo. Por fim, porque ele lhes devolve, com a voz amplificada pela tragédia pessoal, palavras como "pátria" e "patriotismo", e aparentemente livres de algemas ideológicas.

"Teotônio conseguiu entrar em contato com a consciência íntima da nação", diz o sempre comedido cardeal Avelar Brandão. "E a própria doença com a qual ele vem convivendo deu-lhe aos olhos do povo uma grandeza ainda maior." Na noite da última quinta-feira, 3, no Museu Theo Brandão, de Maceió, a grandeza de Teotônio tornou a emergir no discurso em que ele se declarou "profundamente tocado pela generosidade de todos". Com a mesma emoção, o ex-governador Luís Cavalcante, que pedira a Deus, de joelhos, pela saúde de Teotônio, comentou: "O guerreiro está ferido. Mas continua forte". **Luiz Weis**▲

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA - ARQUIVO

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO

Parecer nº 40/83

Ao Projeto de Lei nº 121/83.

O Vereador Francisco Lopes submeteu à consideração do Plenário o anexo projeto de lei que "Concede o título de Cidadão de Fortaleza ao Ex-Senador Teotônio Brandão Vilela ".

A proposição é das mais justas pois visa a homenagear um ilustre cidadão brasileiro, que por seu caráter, seu elevado espírito público e democrático grangeou o respeito e a admiração de todo o País.

Político dos mais atuantes, honrou sempre o mandato que lhe foi conferido, trabalhando incessantemente pelo desenvolvimento da Nação, defendendo com patriotismo e raro senso de responsabilidade os direitos humanos.

E' muito merecidamente chamado "Cavaleiro Andante" pois nos momentos mais decisivos da nossa história política, esteve presente em todos os Estados da Federação, defendendo direitos humanos sem temor, hipotecando irrestrita solidariedade aos marginalizados politicamente, lutando sem tréguas pela anistia.

Seu nome é um baluarte da liberdade, da democracia, em toda Fortaleza sentir-se-á honrada em tê-lo como Cidadão Honorário.

Em face ao exposto esta Comissão manifesta-se pela total aprovação da propositura.

E' o nosso parecer.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 24 de outubro de 1983.

Presidente

Relator

CÂMARA MUNICIPAL
ARQUIVO
DE FORTALEZA

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 121/83.

APROVADO

Concede o título honorífico de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica concedido o título honorífico de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA.

Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza em 26 de outubro de 1983.

Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Of. nº 2229

Fortaleza, 27 de outubro de 1983

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 52 da Lei nº 9.457 de 04 de junho de 1.971, combinado com o seu artigo 63, nº II, ' tenho a satisfação de encaminhar a V.Exª. o presente autógrafo de lei aprovada por esta Câmara que" Concede o título de CIDADÃO DE FORTALEZA ao Ex-Senador TEOTÔNIO BRANDÃO VILELA".

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Exª. os protestos de elevado apreço e consideração.

José Fiuza ' Gomes
PRESIDENTE

Exmo. Sr.
Engº. Cesar Cals Neto
DD. Prefeito Municipal de Fortaleza
NESTA.